

Fragmentos de uma missa amorosa

Ruth Silviano Brandão^(*)

Magra embora, tinha não sei que
balanço no andar, como quem lhe custa
levar o corpo.
(Missa do galo)

RESUMO

*Neste texto, analisa-se a **Missa do galo** de Machado de Assis, principalmente sua enunciação, sua dicção feminina e sedutora, em dois momentos diversos no tempo. Trabalha-se também a ambigüidade e a ironia presentes na **Missa** e em **Uns braços do mesmo autor**.*

RÉSUMÉ

*Dans ce texte, on analyse la **Missa do galo** de Machado de Assis, surtout en ce qui se concerne son énonciation, sa diction féminine et séductrice, dans deux moments divers dans le temps. On y travaille aussi l'ambiguïté et l'ironie présentes dans la **Missa do galo** et dans **Uns braços du même auteur**.*

Pode-se afirmar de “Missa do galo”¹ de Machado de Assis que é um conto que balança, num movimento pendular, “com avanços e recuos”. O texto ou Conceição? Também eu, como Nogueira, custei a entender, ou nunca pude entender. Mas Nogueira entendeu, entendeu tudo, “com avanços e recuos” e, mais que sua Conceição, fez um texto sedutor, feminino, em sua ambigüidade, irônico, pelo mesmo motivo e pergunto se não há uma ironia feminina, diferente daquela outra, masculina, cortante e às vezes cruel, filha do ressentimento, do narcisismo ferido, da indignação mal contida.

Imagino que essa escrita nasceu do luto de uma perda, pois concluiu-se anos após o episódio da missa. O luto por Conceição foi deixá-la morrer na memória e, do esquecimento, fazer nascer o escrito. Talvez o escrito sobre um não-saber. Há momentos que apontam para o presente do narrador: “Tudo nela era atenuado e passivo. O próprio rosto

* Professora de Literatura Brasileira nos Cursos de Graduação e de Pós-graduação em Letras da FALE/UFMG.

1. ASSIS, Machado de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1962. V.2: p.605-11: “Missa do galo”. Esse conto será referido nas citações pelas iniciais MG e pelo número das páginas correspondentes.

era mediano, nem bonito nem feio. Era o que chamamos uma pessoa simpática. Não dizia mal de ninguém, perdoava tudo. Não sabia odiar; pode ser que não soubesse amar”. (p.606). Outros, sem dúvida, revivem, trazem ao presente o passado, com seus frêmitos: “ficou linda, ficou lindíssima”. (p.610).

Assim o texto apresenta uma dupla articulação. Nogueira não entendeu, mas o leitor entendeu, ou vice-versa. Como, se nada se confirma e nem se

desmente? Como? Pelo próprio fio da sedução, a sinuosa linha da escrita em seus encantatórios labirintos, preenchendo os vazios das pausas de uma conversação que nada tem que a sustente, além do jogo de olhares, das mudanças de posições, dos meneios, dos balanços.

Uma conversação, não uma conversa sobre... Sobre o quê? A missa do galo, as lembranças de Conceição, as observações de Nogueira, os quadros? Tudo fortuito e contingente. Um discurso em que predomina a função fática, como diria Jakobson. Um liame para manter o jogo, a ambigüidade.

E Conceição, entendeu? Se ela é irmã de Severina de “*Uns Braços*”², sem dúvida ela soube, desse saber que não se sabe, inconsciente, proibido para damas honestas. Que, entretanto, sabem... Leia-se o que pensa Severina de Inácio, também irmão gêmeo de Nogueira:

“Tudo parecia dizer à dama que era verdade; mas essa verdade, desfeita a impressão de assombro, trouxe-lhe uma complicação moral, que ela só conheceu pelos efeitos, não achando meio de discernir o que era. Não podia entender-se, nem equilibrar-se, chegou a pensar em dizer tudo ao solicitador, e ele que mandasse embora o fedelho. Mas que era tudo? Aqui estacou: realmente, não havia mais que suposição, coincidência e possivelmente ilusão. Não, não, ilusão não era. E logo recolhia os indícios vagos, as atitudes do mocinho, o acanhamento, as distrações, para rejeitar a idéia de estar enganada. Daí a pouco (capciosa natureza!), refletindo que seria mau acusá-lo sem fundamento, admitiu que se iludisse, para o único fim de observá-lo melhor e averiguar bem a verdade das coisas”.(UB. p. 493)

Ou para gozar melhor desse descompromisso, sem palavras, pura fascinação. Olhares, ser olhada, olhar. Um prolongamento sempre adiando a pausa final. O gozo da espera ali mesmo, na presença.

É possível dizer dos dois contos o seguinte: que são duas versões de uma mesma história, versões que dialogam, e a segunda citada aqui - “*Uns braços*” - mas primeira cronologicamente, esclarece a outra; que Severina é o outro lado da moeda, o avesso de Conceição. O avesso, não o contrário, o avesso que não supõe uma borda.

2 ASSIS, Machado de. *Uns braços*, p.490-97. Citado pelas iniciais UB, seguido pelos números das páginas correspondentes.

As duas produzem o nascimento de um homem, concebem...”Boa Conceição, uma santa”. A missa é um ritual de passagem, é quando Nogueira, também um fedelho como Inácio, começa a se tornar um galo. Os signos religiosos estão presentes na “Missa”, no nome da Imaculada Conceição que concebeu, sem o homem, um homem; no oratório, nas imagens, na fascinação exercida pelo Menino Jesus, filho, intocado, mas objeto de olhar.

Como Severina, Conceição é mestra na arte do teatro, aprendeu a suas regras com o próprio marido e suas idas ao teatro, sem sair, entretanto de casa, mas sabendo se movimentar, capturar o olhar, no jogo erótico do entremostrado, do entrever, do entreolhar, das entrelinhas:

“Conceição ouvia-me com a cabeça reclinada no espaldar, enfiando os olhos por entre as pálpebras meio cerradas, sem os tirar de mim. De vez em quando passava a língua pelos beiços, para umedecê-los. Quando acabei de falar, não me disse nada; ficamos assim alguns segundos. Em seguida, vi-a endireitar a cabeça, cruzar os dedos sobre eles pousar o queixo, tendo os cotovelos nos braços da cadeira, tudo sem desviar de mim os grandes olhos espertos”. (MG. p.608).

Sem dúvida em *Uns braços*, o narrador é mais explícito, fala claramente, tudo vem à luz, a dúvida é de Severina e desfaz-se rapidamente. Também a mulher entra no jogo do marido grosseirão, Borges, que gritava, insultava para manter a ordem, a lei, e “abarrotava-se de alface e vaca”. Na *Missa*, o teatro é mais velado, a cumplicidade, mais silenciosa, tudo se decifra sem alarde. A passagem do não-saber ao saber se faz discretamente, sem palavras, com o gozo de uma manipulação, que mantém tudo igual, sem modificar a ordem.

Entretanto, os dois contos têm, curiosamente, elementos comuns, como a passagem da realidade à ficção, sutilmente, como se as fronteiras entre as duas fosse tão tênue que se desfizesse, com um piscar de olhos, sem grande descontinuidade, como o piscar do olho de Nogueira, que vai do livro dos mosqueteiros ao vulto de Conceição que vem “assomar à porta da sala”.

Também Inácio lia a “*Princesa Magalona*” e ia do livro à parede onde ele punha os olhos e “donde, cinco minutos depois viu sair a dama de seus cuidados. O natural era que se espantasse; mas não se espantou. Embora com as pálpebras cerradas viu-a desprender-se de todo, parar, sorrir e andar para a rede”.(UB. p.495).

Sabemos como as imagens se formam num olho absorto, como se fossem reais e vêm com a pessoa toda, com roupa, perfume e luz. Se, no momento acima, só o olho interno de Inácio via Severina, em outro momento, este a viu com todos os olhos:

“Que não possamos ver os sonhos uns dos outros! D. Severina ter-se-ia visto a si mesma na imaginação do rapaz; ter-se-ia visto diante da rede, risonha e parada; e depois inclinar-se, pegar-lhe nas mãos, levá-las ao peito, cruzando os braços, os famosos braços. Inácio,

namorado deles, ainda assim ouvia as palavras dela, que eram lindas, cálidas, principalmente novas, - ou, pelo menos pertenciam a algum idioma que ele não conhecia, posto que o entendesse. Duas, três e quatro vezes a figura esvaía-se, para tornar logo, vindo do mar ou de outra parte, entre gaiivotas, ou atravessando o corredor, com toda a graça robusta de que era capaz. E tomando, inclinava-se, pegava-lhe outra vez das mãos e cruzava ao peito os braços, até que, inclinando-se, ainda mais, muito mais, abrochou os lábios e deixou-lhe um beijo na boca:”. (UB. p.495-6).

Vemos que o que se explicita em *Uns braços* está latente em *Missa do galo*, nem que seja no desejo de uma ou de outra das personagens e se não há o beijo, Conceição também faz meneios, se aproxima e se afasta de Nogueira, dando-se e reprimindo-se, “por avanços e recuos”. Aliás, nesse clima, buscar entender seria desmentir exatamente o despudor dos gestos que se fazem, como se não se fizessem, sem intenção clara, fazendo-se que se repitam tantas vezes, que elas, as personagens, nada entendam do que acontece ou não acontece.

Aliás, nos dois contos, há ruídos, rumores leves que marcam a atmosfera meio suspeita de desejos atrevidos, prestes a transgredir as leis, a se manifestar e fazer respirar o leitor, mas mantendo o suspense e a respiração presa, entrecortada.

E o clima de lentidão, de sono, um adormecer que é o peso de uma monotonia erótica, feita desse balanço que faz estremecer o ambiente, que parece pulsar, com os corpos.

Na “*Missa*”, há também a presença da mãe, d. Inácia - veja só que coincidência de nomes nessa comédia de enganos, em que tudo se embaralha D. Inácia fica nos bastidores, mas marca o tempo, pontua e, apesar do sono leve, obriga Nogueira e a filha a se aproximarem, já que devem falar baixo. Baixo, muito baixo, o que provoca um leve sopro, sussurro que aproxima o rosto de Conceição ao de Nogueira e fazendo-se sentir mais essas bordas do corpo, janelas por onde escapa o olhar, o sussurro que toca de leve os ouvidos e, daí, o corpo todo.

Assim, a conversação, o falar baixo, as pausas, os silêncios prolongados fazem os dois corpos pesados, os gestos vagarosos e as impressões vagas, como que “truncadas e confusas”. De simpática, Conceição ficou “linda, lindíssima”, afirma Nogueira. Coisas que só acontecem com o fechar das pálpebras que se abrem e se fecham para o palco onde se move a silhueta feminina lânguida e lenta.

É comum na estrutura dos romances românticos uma dramatização que faz lembrar a representação teatral. Assim acontece em Alencar e, de forma diversa, em Machado que, se a emprega, o faz, não para mimetizar, mas para instaurar a dúvida, sublinhar o silêncio, apontar o não-dito, desmitificar os hábitos, fazer falar o desejo no silêncio das entrelinhas. Em suspense.

Nesse texto, masculino e feminino são intercambiáveis. Por momentos há uma

Conceição fálica, masculina, conduzindo a cena, fazendo os olhos de Nogueira segui-la, acompanhá-la e ele, numa posição passiva, comandado, frágil; esperando os sinais, perdendo-se nas metáforas, nas figurações, na conversação vazia. Aliás, não se sabe de que falavam os dois, em sua tagarelice oca. Só valia mesmo essa conversação, para fazer durar a sedução, que, de outra forma, não se podia expressar, nessa sociedade de tantas regras, tantas fórmulas, sociedade em que Conceição aprendeu o rigor da cena e as estratégias do teatral com seu próprio marido.

Lembro-me de Baudrillard, em seu livro sobre a sedução, quando se refere a questões que agora me ocupam na leitura gozosa do texto de Machado. Diz ele:

*“O masculino estaria mais próximo da Lei, a feminilidade mais próxima do gozo, mas o próprio gozo não é a axiomática de um universo sexual decodificado – referência feminina e liberadora produzida pela lenta extenuação da Lei, o gozo como forma extenuada da Lei, a Lei tornada injunção de gozo depois de ter sido proibição”.*³

E a sedução tem muito ou tem tudo do gozo, gozo, no sentido de um prolongamento de nada, algo de totalmente inútil, em que nada se comunica, mas em que há um excesso de gestos, de meneios, pequenos tiques, para sinalizar coisa nenhuma, mas que produz um efeito, no jogo de posições que mudam sem motivo, um certo ritmo respiratório, as bordas do corpo que se exibem, com o lento passar da língua nos lábios, o abrir e fechar de olhos.

Olhos em que Nogueira se vê, mas que também se oferece como espelho, naquele embevecimento de todo amante que ama ver-se no outro. Num certo momento, diz ele, Conceição percebeu o seu próprio fascínio, no brilho de seus olhos de rapaz. E, é certo, ele a adornou com os atributos que lhe pareciam ideais, pois assim é a fascinação. E, seguramente, ela amou nele sua própria imagem.

E dessa imagem perdida em suas retinas, escreveu-se esse texto sedutor que descaminha o leitor em suas malhas de fio linguageiro, de onde ele não pára de falar e tentar entender, sem nunca entender completamente o que houve naquela noite de natal. Sem dúvida algo da ordem da *mirabilia*, já que também em *“Uns braços”* o que há é uma remiragem sem fim e o texto se tece mesmo do fio do olhar. Olhar que cai dos olhos fascinados, quando as imagens voltam a ferir a retina da alma, fazendo-se causa da escrita e da cumplicidade do leitor.

3 BAUDRILLARD, J. *Da sedução*. Trad. Tânia Pelegrini. Campinas: Papyrus, 1991. p. 31.